

O USO DE REDES SOCIAIS VIRTUAIS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA

Guilherme Nogueira de Souza

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

guilherme.souza@uerj.br

Resumo: O presente trabalho é fruto da vivência enquanto docente na rede de ensino público do Estado do Rio de Janeiro. Nesta experiência, o espaço físico e tradicional da sala de aula foi ampliado através do uso de redes sociais, com ênfase especial para o Facebook, de maneira a contornar as múltiplas precariedades acumuladas na rede pública de ensino e, ao mesmo tempo, produzir um espaço mais dinâmico de interação e troca entre professor-aluno na construção de um conhecimento sociológico atualizado, conectando, com fins pedagógicos claros e do ponto de vista das categorias cognitivas e analíticas, o mundo local dos jovens ao mundo global da experiência da modernidade tardia e seus artefatos tecnológicos (ZANTEN, 1999; GIDDENS, 1991). Por meio da Internet e do uso das redes sociais, o livro didático tradicional tende a ampliação e, ao mesmo tempo, a obsolescência; e, com a orientação devida, a construção compartilhada de conhecimentos se torna mais dinâmica e condizente com o caráter múltiplo de algo a que poderíamos chamar de reflexividade – ou imaginação sociológica, nos termos de Mills (1959) –, algo caro para a tradição sociológica e elemento fundamental para a justificação desta disciplina fortemente acadêmica no Ensino Básico brasileiro.

Palavras-chave: Educação, Facebook, cyber-interação, EAD, Sociologia.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é produto de anos de acompanhamento do processo de ampliação da sala de aula tradicional a partir do uso das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC's), com ênfase especial nas potencialidades pedagógicas do Facebook para além dos seus recursos voltados para o entretenimento ou de suas características técnicas.

A dinâmica da sociedade contemporânea baseada na informação, com ênfase em sua dimensão digital e, apoiada pelas TIC's, já há algum tempo é destacado tema de reflexão e análise nas agendas de pesquisas. O uso das novas TIC's seria o grande responsável por inaugurar o novo momento social vigente, conforme apregoam os discursos construídos sobre este assunto (BORGES, 2014). O uso das TIC's é produto de uma emergente sociedade que se poderia chamar de sociedade da informação. Por este termo, não se pretende ignorar o conjunto de outras categorias estruturantes que possam delimitar e caracterizar o tempo presente, como se analisará mais adiante.

No entanto, é preciso reconhecer que, em nenhum outro momento conhecido da história humana, a produção e circulação de informação tenha sido tão intensa. Neste sentido, é preciso visitar Assmann (2000) quando o autor define a sociedade da informação – ou sociedade aprendente, como sugere – como a sociedade que se constitui na atualidade, altamente produtora e consumidora de informação, cujas estruturas sociais progressivamente se tornam mais dependentes do uso de artefatos tecnológicos e da circulação rápida de dados e informações. Esse consumo crescente altera a forma como instituições se organizam nas mais distintas esferas da vida social.

No entanto, prossegue Assmann, “a mera disponibilização crescente da informação não basta para caracterizar uma sociedade da informação. O mais importante é o desencadeamento de um vasto e continuado processo de aprendizagem” (2000, p. 3). E, nesta perspectiva, o processo de escolarização é central para desencadear e articular as capacidades necessárias às constantes mudanças nas distintas formas de conhecimento que a alta modernidade revoluciona cotidianamente. O que, frise-se, não significa dizer que o processo de ensino-aprendizagem na sociedade da informação esteja limitado ao espaço-tempo escolar. Muito pelo contrário, novos atores se tornam centrais no processo, articulados ou não com a escola formal tradicional. Ademais, o processo de ensino-aprendizagem pretende-se para toda a vida. Daí a definição concorrente de sociedade da informação como sociedade aprendente. Diante das formas tradicionais e, portanto, duradouras de produção e circulação de conhecimento, formas estas que moldaram as instituições de outrora, vão sendo geradas novas formas institucionais ou as estruturas antigas vão sendo revolucionadas pela incorporação de novos recursos tecnológicos. O espaço-tempo da escola tradicional não poderia ficar sem ser afetado pelos artefatos – TIC’s – dessa nova sociedade que emerge no mundo de maneira desigual, mas persistente.

Assim sendo, podemos definir as TIC’s como

O uso da informática, do computador, da Internet, do CD-ROM, da hipermídia, da multimídia, de ferramentas para a educação a distância – como chats, grupos ou listas de discussões, correio eletrônico etc. – e de outros recursos e linguagens digitais de que atualmente dispomos e que podem colaborar significativamente para tornar o processo de educação mais eficiente e mais eficaz (MASETTO, 2000, p. 152).

As TIC's, portanto, apontam para a incorporação no processo de ensino-aprendizagem de novos artefatos tecnológicos, fortemente assentados nas tecnologias digitais e virtuais, potentes no processo de substituição de substratos físicos tradicionais por novos artefatos para a interação tecnológica e educacional. E, neste sentido, assim como “as tecnologias tradicionais serviam como instrumentos para aumentar o alcance dos sentidos (braço, visão, movimento etc). As novas tecnologias ampliam o potencial cognitivo do ser humano (seu cérebro/mente) e possibilitam mixagens cognitivas complexas e cooperativas” (ASSMANN, 2000, p. 9).

O que se segue é, portanto, um esboço para autoanálise de um processo dinâmico no qual, enquanto professor-regente de Sociologia da rede pública estadual do Rio de Janeiro participei como ator; e, ao mesmo tempo, o que se segue é um exercício de reflexão, no qual busco analisar os limites e as problemáticas locais da incorporação das novas das TIC's em uma realidade pedagógica específica, limitada e marcada por uma concretude que diz respeito ao conjunto de recortes sociais emblemáticos da rede pública educacional brasileira e que, de diferentes maneiras, impactam o processo de incorporação das novas tecnologias, a relação professor-aluno e a posição do conjunto dos discentes – e dos sujeitos específicos – nessa emergente cybercultura global com as suas possibilidades e limitações pedagógicas. Assim sendo, o texto que se segue é uma reflexão sobre o fazer-em-processo, é uma reflexão sobre a inserção dos sujeitos – incluindo a figura/papel docente que desempenho - no uso das novas tecnologias, mesmo aquelas – como é o caso do Facebook – que não foram pensadas com esta especificidade, mas que, dada a prevalência dos estudantes brasileiros acessando esta rede, torna-se uma ferramenta útil para dinamizar o espaço educacional e trazer a escola tradicional para o mais próximo do universo de adolescentes, ao mesmo tempo em que atualiza os conteúdos, indo além do livro didático, tornando, portanto, o mundo contemporâneo em matéria-prima para o processo de reflexão, efetivando aquilo que se definiu por “imaginação sociológica” (MILLS, 1982).

Tendo em vista o interesse em analisar as possibilidades de ampliação de uma experiência localizada, os objetivos do que se segue podem ser definidos nos seguintes termos: analisar as possibilidades de utilização do Facebook enquanto ferramenta pedagógica; avaliar de que maneira é possível ampliar a sala de aula em suas dinâmicas tradicionais a partir do uso de mecanismos de interação virtual não pensados especificamente para este fim; avaliar de que maneira o compartilhar da mesma rede social por professores e alunos, de maneira propositiva, pode impactar a relação entre estes agentes em sala de aula; e, por fim, verificar quais são as possibilidades de redução de distâncias e barreiras de comunicação entre o universo discente e docente a partir das interações via Facebook.

2 METODOLOGIA

A produção do conhecimento está assentada e limitada por relações sociais concretas em um ambiente específico, a sala de aula neste caso, submetida, portanto, a condições socialmente estruturantes. Assim sendo, ao se articular o espaço da sala de aula tradicional com as possibilidades emergentes de novas tecnologias de comunicação, construiu-se um espaço etnográfico completamente novo, em que o método de trabalho esteve assentado naquilo que se pode chamar de interpretação sociocultural dos processos de interação virtual dos sujeitos na construção de uma rede social como fenômeno pedagógico. Algo na linha do que Geertz (2008) aponta como processo de busca dos significados da teia sociocultural na qual estamos inseridos. Obviamente, não é possível estabelecer uma distinção clara entre papéis sociais neste processo específico de construção de conhecimento. Sendo este, portanto, um esboço de autoanálise de um processo específico de ensino e aprendizagem dentro das limitações impostas pelas estruturas da unidade escolar.

3 O CAMPO

O trabalho de observação e ação foi realizado na Escola Técnica Estadual Henrique Lage – ETEHL. Esta unidade oferece curso técnico profissionalizante de Ensino Médio, além de cursos de formação noturno para quem já possui Ensino Médio completo. Atualmente são oferecidos cinco cursos técnicos integrados com o chamado “currículo comum”: Edificações, Estruturas Navais, Máquinas Navais, Eletrônica e Eletrotécnica. Além de mais de uma dezena de cursos livres.

A unidade, localizada na cidade de Niterói, município da região metropolitana do Rio de Janeiro, possui quase três mil estudantes, sendo uma das maiores escolas públicas do estado. A ETEHL funciona atendendo majoritariamente a moradores dos municípios de São Gonçalo, Niterói, Itaboraí, Macaé e Maricá.

Esta unidade, cujo nome remonta ao seu fundador, o industrial fluminense Henrique Lage (1881 – 1941) nasceu a partir do processo de ampliação dos investimentos da família Lage no processo de industrialização na capital do Império, cidade do Rio de Janeiro, e também em Niterói. É neste contexto que a escola é criada como instituição que objetivava a formação de trabalhadores para os múltiplos investimentos dos Lage nas áreas de mineração, construção naval e carvoaria. O desenvolvimento da região onde hoje se encontra a unidade está historicamente ligado aos investimentos dos Lage e, portanto, produziu-se uma escola com forte identidade local e como referência histórica de ensino de qualidade. Com a morte de Henrique Lage e a posterior estatização de suas múltiplas empresas em função dos esforços nacionais frente a 2º guerra mundial, a escola passa para diferentes estruturas de gestão do poder público.

Frente às reformas educacionais do Governo Fernando Henrique Cardoso, o Estado do Rio de Janeiro cria, em 1997, a Fundação de Apoio à Escola Técnica – FAETEC . A instituição foi criada para abarcar o conjunto das escolas técnicas do Estado, além ser a operadora responsável pela implementação e gestão dos serviços de educação tecnológica e profissional fluminense, ofertando educação pública e gratuita. Assim como outras unidades históricas incorporadas à nova rede, surge a Escola Técnica Estadual Henrique Lage.

O acesso aos cursos técnicos da ETEHL se dá de duas maneiras: alunos concluintes oriundos das poucas escolas de Ensino Fundamental da rede FAETEC possuem direito a escolha de vaga nas diferentes unidades de Ensino Médio. Estes alunos ingressam no Ensino Fundamental na rede FAETEC através de sorteio. O campus onde se localiza a ETEHL também possui uma unidade que atende ao Ensino Fundamental. A outra possibilidade de acesso se dá através de concurso público para o Ensino Médio Técnico Integrado, aberto a todos os concluintes do Ensino Fundamental.

A FAETEC, composta por unidades em 51 municípios e atendendo a mais de 300 mil estudantes nos mais diversos tipos de unidade e/ou curso, possui autonomia administrativa e pedagógica, o que possibilitou que as unidades de Ensino Médio tivessem aulas de Sociologia em todos os anos, com dois tempos por ano. Ingressei como professor de Sociologia na rede em 2011, permanecendo até o início de 2015. As observações sobre o uso de TIC's, especialmente de redes sociais, em articulação com o ensino regular que seguem são parte desta experiência que se somou à atuação no sistema CEDERJ de educação a distância, sistema gerido também pelo Estado do Rio de Janeiro em parceria com as universidades locais.

4 APONTAMENTOS

Como não poderia deixar de ser, tendo em vista a proposta geral deste texto, a ideia de resultados se demonstra inadequada ao processo de interpretação densa. No entanto, isso não impede que sejam feitos apontamentos a respeito da experiência vivencial desta dinâmica e seus desdobramentos na realidade escolar.

4.1 O Facebook e sua organicidade na vida dos adolescentes brasileiros

Há múltiplas ferramentas digitais, páginas e/ou aplicativos voltados para o uso pedagógico. No entanto, o Facebook, apesar de não ter sido pensado como ferramenta educacional, possui uma vantagem sobre todos os demais: a presença massiva de estudantes e seu elevado nível de dedicação diária à rede. Estudo recente apontou que 48% dos usuários da Internet no Brasil possuem entre 16 e 25 anos de idade, faixa etária habitualmente presente no nível escolar médio e superior, portanto, o público em potencial de uma escola pública de Ensino Médio. Este mesmo coorte etário passa conectado mais de 4 horas, em média, durante a semana útil. Média que se repete nos finais de semana. Por fim, o Facebook é indicado como página mais visitada, segundo a pesquisa, por mais 60% dos entrevistados (BRASIL, 2014).

Borges, ao trabalhar com a temática dos usos das redes sociais por adolescentes e jovens estudantes, aponta:

Sobre o uso da rede pelos mais jovens, os dados pela PNAD 2011 (IBGE, 2013), mostram que no Brasil, o percentual de pessoas de 10 anos ou mais de idade que acessaram a Internet passou de 20,9% (31,9 milhões) em 2005 para 46,5% (77,7 milhões) em 2011. Outro dado revelado pela pesquisa é o de que o acesso dos estudantes da rede pública de ensino aumentou nos últimos anos. Segundo os dados do IBGE dos 37,5 milhões de estudantes identificados pela PNAD em 2011, 72,6% acessaram a web naquele ano. Em 2005, eram aproximadamente 35,7% os alunos da rede de pública brasileira de ensino que haviam se conectado à rede mundial de computadores. Isso significa que, de 2005 a 2011, o total de estudantes internautas praticamente dobrou, com mais 13,4 milhões de alunos conectados, mas que a proporção dos estudantes conectados é ainda baixa. (2014, p. 28)

Ora, por estes dados pode-se perceber os motivos do Facebook possuir um enorme potencial pedagógico: nele estão os estudantes no uso cotidiano da rede. A interação entre os jovens – e não somente estes – e a página é intensa e orgânica, o que a coloca em vantagem sobre as demais redes sociais e, especialmente, em vantagem sobre os demais portais educacionais. Não se pode ignorar, no entanto, a tendência de redução da presença de adolescentes no Facebook a medida que outros perfis de usuários, o que inclui os professores, começam a entrar na rede. Essa tendência, segundo estudos, é mais intensa nas economias centrais e bem menos intensa na realidade brasileira .

4.2 A rede social como mecanismo potencial de aproximação professor – aluno

Estar conectado numa rede social com intuitos pedagógicos claros pode, potencialmente, expor facetas do docente nem sempre visíveis aos alunos na dinâmica tradicional da sala de aula. Tendo em visto o seu caráter mais linear, as redes sociais colocam professores e alunos em contato mais frequente e, por isso, o uso precisa ser mediado por objetivos pedagógicos estratégicos. Isso porque

As redes sociais por trazerem ao cenário educativo elementos de subjetividade bem mais que os objetivos inicialmente estabelecidos, requerem dos professores exercício constante – em tempo virtual – de um novo olhar sobre sua prática de sala de aula, as atividades proponentes refletirão nas formas organizativas de cada aluno, pois conforme forem sendo feitas as interações, a percepção subjetiva de cada aprendiz pode ser interpretada de formas variadas, convergentes ou divergentes aos objetivos estabelecidos inicialmente para a atividade. (FERREIRA et al, 2012, p. 04)

Logo, enquanto agente legalmente responsável pelo processo pedagógico, a mediação cabe ao professor. Cabe a ele escolher qual perfil pretende construir nas redes sociais e qual destinação dará ao Facebook. A rede não está isolada da vida cotidiana. Os usos feitos dela/nela, enquanto ferramenta se refletirão na relação presencial professor – aluno. Isso significa que o uso estratégico da rede é central. Cabe frisar o dito popular que afirma “a diferença entre o remédio e o veneno é a dosagem”. A diferença entre o uso da rede como mecanismo de dinamizar a relação professor – aluno, ampliando as pontes afetivas centrais ao processo pedagógico, depende da dosagem e da qualidade deste uso.

O uso pedagógico do Facebook pode livrar o professor daquilo que Schnieder (2006) define como “celas” de aula, aquilo que limita o processo pedagógico no tempo e no espaço. Com a estruturação da rede como ferramenta, se torna possível atualizar constantemente os conteúdos pedagógicos através das postagens do professor, das ferramentas de diálogo e de outros mecanismos de interação presentes no Facebook, construindo, assim, pontes afetivas no processo de ensino – aprendizagem, elemento central para a eficácia do processo educacional, como aponta Saltini ao se referir sobre a centralidade da ação afetiva docente na formação infantil:

Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião. A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado. (SALTINI, 2008, p.100)

O uso da rede na relação pedagógica professor – aluno possui ainda um interessante elemento: ao ter uma tela mediando a relação, isso possibilita que o aluno acesse o professor, encaminhando dúvidas ou pedindo orientações que, talvez, não sejam possíveis de encaminhar dentro de sala de aula. Isso fica bastante evidente no que se refere aos alunos mais retraídos na interação coletiva que acionam o professor quando o contato é mediado pela tela do computador.

4.3 As redes sociais e a construção de uma nova “inteligência coletiva”

Quando Levy (1998) escreveu seu clássico artigo “A revolução contemporânea em matéria de comunicação”, a Internet ainda estava dando seus primeiros passos rumo à globalização da rede, massificação e barateamento do acesso, e diversificação e complexificação de ferramentas. No entanto, o autor já dava pistas de elementos centrais que podem nos ajudar a pensar o Facebook como ferramenta pedagógica na contemporaneidade. Para o autor, a Internet caminhava para a ampliação em escala global daquilo que ele chamaria de “inteligência coletiva”, ou seja, a intensificação das trocas sociais produtoras de conhecimento, o produto da ampliação das práticas de trocas culturais em uma sociedade na qual o intercâmbio de informações é sem par na história. A ampliação das conexões seja física ou virtual, e a intensificação da sua velocidade dessas conexões torna o acesso ao conhecimento socialmente construído teoricamente ilimitado. Teoricamente porque o virtual está vinculado ao mundo da concretude nas suas expressões de precariedade e desigualdade de acesso a bens e serviços. A esse respeito, Borges afirma:

Apesar do aumento do uso da internet, o “uso efetivo”, expressão utilizada por Gurstein (2003), que significa a “capacidade e oportunidade de fazer uso das TICs de forma a atingir um determinado objetivo, podendo ser este individual ou de grupo” (GURSTEIN, 2003), é uma questão a ser refletida, pois existem muitas dimensões e condicionantes sociais acerca do uso da internet. Olinto (2009) ao “analisar as dimensões de uso da internet e a sua relação com a educação” no Brasil, mostra que a variável educação tem forte relação com o acesso e com tipos de usos da internet, sugerindo que esta variável impacta no uso efetivo da rede. (2014, p. 28)

Dito isso, e tendo em vista a presença massiva dos estudantes brasileiros com acesso cotidiano ao Facebook, é possível pensar que o uso da rede, e das ferramentas a ela vinculadas, democratiza como nunca as potencialidades de acesso ao conhecimento. No entanto, se por um lado, isso é expressão de uma sociedade mais dinâmica e fortemente informacional, por outro, as desigualdades de acesso e uso demonstram o tamanho dos desafios de incorporar a rede plenamente como elemento-chave do processo pedagógico. E, com isso, novamente cabe ao professor o papel de intermediador desta incorporação, visto que, como afirma Levy: “Longe de tornar iguais as zonas geopolíticas, a densidade das comunicações e a redução do espaço prático tornam mais visíveis do que nunca as dominações e as disparidades” (1988, p. 41).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção dessa nova inteligência coletiva, marcada pela redução do espaço prático, ou seja, pela redução das distâncias culturais e geográficas no mundo moderno, como aponta Levy (1998), é, como já dito anteriormente, marcado por forte dinamismo. Dinamismo este que torna rapidamente obsoleto o velho livro didático. Com a atualização das informações e a publicação quase instantânea de novas formas de conhecimento, os livros didáticos seguem os mesmos caminhos que as antigas e aristocráticas enciclopédias impressas: o ostracismo. Ao possui um perfil no Facebook acessado pelos alunos – e o ideal é que haja um perfil de trabalho, acessível a eles, distinto do perfil pessoal, inacessível a eles – é possível melhor encaminhar questões contemporâneas que sejam palpitantes no debate público, trazendo para a sala de aula aquilo que, compartilhado por eles, possa ser interessante ao processo educacional. O ostracismo do livro didático não significa o abandono de qualquer material didático. Muito pelo contrário, significa a ampliação das possibilidades de uso de reportagens, músicas, documentários, jogos, etc. Para o ensino de Sociologia – e, por certo, para o conjunto das disciplinas escolares – a dinamização do acesso ao conhecimento tem potencial de produzir uma verdadeira revolução no ensino – aprendizagem, tornando a experiência escolar menos arraigada em um Séc. XIX que insiste em não acabar. Cabe ao professor saber auxiliar aos seus alunos no manejo da rede e atualizar-se, inteirar-se e abrir mão de uma postura de repositório do saber para ser parceiro e guia no manejo destas novas ferramentas de comunicação. No entanto, o uso do Facebook e das redes sociais não é “natural” aos professores em sua maioria. Assim sendo, para que o Facebook, ou qualquer outra rede ou ferramenta virtual, seja utilizada como instrumento pedagógico é preciso a formação do docente para tal. É preciso equipar este docente com instrumental adequado para que possa acompanhar seus estudantes e ampliar a sala de aula rumo a uma educação adequada a sociedade informacional que se impõe a todos, excluindo muitos.

A rede pública fluminense parece estar desatualizada tanto na qualificação do seu corpo docente para uso das novas TIC's, quanto na oferta de ferramentas para acesso da rede em sala de aula. Este descompasso com o mundo dos estudantes, majoritariamente conectados, produz uma escola que parece pouco atrativa e obsoleta – frente ao dinamismo que o acesso a rede na vida cotidiana possibilita a adolescentes e jovens.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ci. inf.**, Brasília, v. 29, n.2, p. 7-15, maio/ago. 2000.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.** – Brasília: Secom, 2014.
- BORGES, L. C. **Boas práticas em Bibliotecas Públicas: análise de três experiências no Rio de Janeiro.** 160f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2014.
- CAMPELLO, Carlos. **A trajetória empresarial de Henrique Lage e as relações com o Estado (1918-1942).** In ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.
- DAMATTA, Roberto. O Ofício de Etnólogo ou como ter 'Anthropological Blues. In: Edson Nunes. (Org.). **A Aventura Sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- DANTAS, Claudio Rejane da Silva. **As TIC e a teoria da aprendizagem significativa: uma proposta de intervenção no ensino de Física.** 143f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, 2011.
- FERREIRA, J. L.; CORREA, B. R. P. G.; TORRES, P. L. O uso pedagógico da Rede Social Facebook. **Colabor@**, Curitiba, v. 7, p. 1-16, 2012.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da Cultura. In. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008, p.03-21.
- KENSKI, Vani Moreira. Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 08, set./jun./Ago. 1998.
- LEVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 9, dez., 1998, semestral.
- MELLO, Tágides; RUBIO, Juliana. A importância da afetividade na relação professor – aluno. **Revista Eletrônica Saberes da Educação.** Vol. 4, n. 1, 2013.
- MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica.** RJ: Zahar, 1982.
- SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência.** 5º ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.
- SCHNEIDER, Henrique Nou. Educação a distância via internet (e-learning): Contextualização (Know What), Justificativa (Know Why), Implantação (Know How). Aracaju: **Rev. Candeeiro**, ano IX, v.13-14, p.40-47, nov. 2006.
- ADOLESCENTES largam o Facebook”: Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/02/adolescentes-largam-bo-facebookb.html>>. **Revista Época.** Acesso em 24 fev. 2018.
- “JOVENS ainda amam o Facebook e gastam ainda mais tempo na rede pelo celular”: Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/06/jovens-ainda-amam-o-facebook-e-gastam-ainda-mais-tempo-na-rede-pelo-celular.html>>. Acesso em: 24 fev. 2018